



Bethlehem Ministry
OF THE ASSEMBLIES OF GOD

CONHECIMENTO 18
ESCATOLOGIA I

O PLANO REDENTOR DE DEUS PARA ISRAEL E AS NAÇÕES



“Porque deles é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos,

Deus bendito eternamente. Amém.”

Romanos 9:4-5

BOLETIM 680 - ESTUDO 820
3 A 7 DE AGOSTO DE 2026

INTRODUÇÃO

Ao falar de Israel, o apóstolo Paulo faz uma lista de tirar o fôlego. Diz que a esse povo pertencem “a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas”, e que deles, segundo a carne, veio o próprio Cristo (Rm 9:4-5). É como quem abre um cofre e vai mostrando, uma a uma, as joias que Deus guardou para aquele povo. E a maior de todas é esta: foi por meio de Israel que o Salvador do mundo chegou até nós.

Este é o primeiro de uma série de três estudos. Aqui conheceremos o plano redentor de Deus e os seus três grandes personagens. No segundo estudo, desceremos à visão de Daniel — os impérios da história e o Reino eterno de Cristo. E no terceiro, veremos a nossa resposta a tudo isso: a fidelidade no serviço cristão e as recompensas diante do Tribunal de Cristo. Os três caminham juntos, como três capítulos de uma mesma história.

Neste estudo, queremos entender o plano de Deus olhando para os seus três grandes povos: Israel, a Igreja e as nações. Cada um tem o seu lugar, e nenhum ocupa o lugar do outro. Israel é o canal por onde veio o Messias; a Igreja é o povo em que judeus e gentios se tornam um só corpo em Cristo; e as nações são alcançadas pela bênção e terão parte no Reino que há de vir.

E há um pano de fundo que dá sentido a tudo: o Reino de Deus. Israel, a Igreja e as nações não são três histórias soltas — são três fios de uma só trama, que caminha para o dia em que Cristo reinará sobre a Terra. Ao entendermos onde cada um se encaixa nesse Reino, a história inteira ganha ordem e beleza. Vamos, então, conhecer cada um deles.

Esse plano não começou ontem, nem em Belém. Foi traçado antes de o mundo existir, com dois alvos que caminham

juntos: alcançar todas as nações e restaurar Israel. Desde Abraão, Deus prometeu que por aquele homem todas as famílias da terra seriam abençoadas. Israel não é o ponto final da história — é o canal por onde a bênção chega até nós.

Aquele que foi fiel a Israel por milhares de anos é o mesmo Deus que cuida de nós hoje. Guarde uma pergunta: se Ele nunca quebrou promessa feita a um povo inteiro, vai quebrar a Sua promessa a nós? Respondemos ao chegar ao fim.

Desfrute!

PARTE 1 — O REINO DE DEUS E A ESCOLHA DE ISRAEL

Começamos por Israel, o primeiro personagem do plano. Mas, para entender o papel de Israel, precisamos primeiro entender uma palavra que aparece o tempo todo na Bíblia: o Reino de Deus. É dentro desse Reino que Israel, a Igreja e as nações encontram o seu lugar.

Dois aspectos do Reino, não apenas um.

Base: Salmo 103:19; Daniel 4:34-35; Daniel 2:44

A Escritura fala de dois aspectos do Reino de Deus, e confundi-los é a raiz de quase todo engano sobre o assunto. O primeiro é o *reino universal*: o governo soberano de Deus sobre toda a criação, em todo tempo. Esse reino é eterno, ab-



soluto e nunca deixou de existir —

Salmos 103:19

“O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e o seu reino domina sobre tudo.”

Deus reina sobre tudo, agora!

O segundo é o *reino teocrático*, também chamado mediador ou Davídico: o governo de Deus exercido na terra, de modo visível e público, por meio de um representante humano. Esse reino é localizado e temporal — tem lugar e tem tempo. É desse segundo reino que trata a maior parte das profecias, e é ele que ainda não chegou. Quando dizemos “*o Reino é vindouro*”, é do *reino teocrático* que falamos, não do reino universal.

O cargo perdido no Éden

Base: Gênesis 1:26-28; Gênesis 2:19-20; Gênesis 3; Salmo 8:4-6

A história do *reino teocrático* começa no jardim do Éden. Ali, Deus colocou Adão e Eva numa posição de autoridade sobre a Criação. Gênesis 1:26-28 mostra o homem sendo feito à imagem de Deus e recebendo a ordem: “*Dominai... sobre toda a terra*” (Gn 1:28). Note bem o que foi entregue a Adão e Eva: *autoridade sobre o domínio físico* — os peixes do mar, as aves do céu, os seres vivos que se movem sobre a terra. Deus encarregou o primeiro casal de governar a criação em Seu nome. Essa autoridade aparece de forma clara quando Adão dá nome aos animais que Deus lhe apresenta (Gn 2:19-20). Nas Escrituras, o privilégio de nomear algo costuma indicar a autoridade daquele que nomeia sobre o que é nomeado (Gn 1:8; Dn 1:6-7).

O ato de nomear foi o primeiro exercício do domínio humano: assim como, mais tarde, os rubenitas renomearam as cidades que conquistaram (Nm 32:37-38), e como o faraó Neco e o rei da Babilônia mudaram o nome dos reis

que dominavam (2 Rs 23:34; 24:17), o ato de Adão nomear os animais foi um exercício de autoridade humana sobre o reino animal. O termo técnico para essa hierarquia — Deus governando sobre o homem, e o homem governando a Criação em Seu nome — é o cargo de administrador teocrático. Significa simplesmente alguém que governa por Deus. Em outras palavras, Deus governava o mundo de forma indireta, por meio do primeiro Adão. Adão foi o primeiro administrador teocrático, e aquilo era o Reino em sua forma inicial.

Mas veio a queda. Satanás, na forma de serpente, teve um objetivo específico: corromper e inverter essa hierarquia. Em vez de governar a Criação em nome de Deus, Adão e Eva se deixaram influenciar pela Criação — a serpente — e se rebelaram contra o Criador (Gn 3). Foi a inversão completa da ordem original: Adão, que devia ser o líder espiritual do lar, culpou Eva; Eva, que devia governar sobre o reino animal, culpou a serpente (Gn 3:11-13). No pecado, Adão perdeu o cargo, e o domínio da Terra passou às mãos do inimigo, que desde então governa este mundo (Lc 4:5-8; Jo 12:31; 14:30; 16:11; 2 Co 4:4; Ef 2:2; 1 Jo 5:19). Logo, o *reino teocrático* foi interrompido, e a grande pergunta da Bíblia passou a ser: como Deus restabelecerá o Seu governo sobre a Terra? Todo o restante da Escritura responde a essa pergunta. E a resposta é o enredo de toda a Bíblia: assim como, no princípio, o Pai quis governar o mundo de forma indireta por meio do primeiro Adão, Ele governará o mundo por meio do último Adão, o Filho de Deus.

O erudito *Charles Ryrie* lembra por que esse reino terreno é necessário: Jesus precisa vencer na mesma arena em que aparentemente foi derrotado. A Sua rejeição pelos reis do mundo se deu nesta Terra (1 Co 2:8); a Sua exaltação também será nesta Terra, quando Ele voltar para reinar com justiça.

E a resposta, como veremos, passa por Israel.

A promessa a Israel: o canal do Reino

Base: Gênesis 12:1-3; Gênesis 22:18; Gálatas 3:8

Gênesis 12:3

“...e abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.”

Por que Israel? Por que Deus escolheu logo aquele povo, e não outro? A própria promessa responde: *“em ti serão benditas todas as famílias da terra”*. A escolha de Israel sempre teve o mundo inteiro em vista. Israel foi escolhido para servir, para ser ponte. E foi por essa *ponte* que veio Jesus, o Salvador do mundo.

É por Israel que o Reino perdido, no Éden, será restaurado. Deus prometeu a Abraão uma terra, uma descendência e uma bênção que alcançaria todas as nações. Dessa nação viria o Rei — o Messias — que um dia se assentará no trono de Davi e reinará sobre a Terra. Israel não é o Reino, mas é o canal indispensável por onde o Reino chega.

Daniel 2:21

“...e ele muda os tempos e as estações; ele remove os reis e estabelece os reis; ele dá sabedoria aos sábios e ciência aos entendidos.”

Os impérios sobem e descem na hora marcada por Deus. Foi assim com o Egito, com a Babilônia, com a Pérsia, com

Roma. Nenhum rei reinou um minuto a mais do que Deus permitiu. Se Ele governa os impérios, com quanto mais cuidado Ele governa a vida de cada filho Seu.

Que eleição é essa? Uma escolha para servir

Base: Deuteronômio 7:6-8; Êxodo 19:5-6; Romanos 9:4-6

Êxodo 19:6

“E vós me sereis reino sacerdotal e povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel.”

Aqui precisamos de muito cuidado, porque a palavra *“eleição”* às vezes é mal entendida. Quando a Bíblia fala que Deus elegeu Israel, ela não está dizendo que Deus, na Eternidade, escolheu alguns indivíduos para o Céu e outros para o inferno, sem uma única chance de escolha. Essa não é a leitura mais natural do texto. A eleição de Israel é a escolha de um povo para um serviço: *ser o canal da bênção, o povo do sacerdócio, a nação por onde viria o Messias*. Deus chamou Israel para uma missão, não para excluir os outros povos — pelo contrário, para alcançar os outros povos.



E a salvação? Essa sim, continua sendo oferecida a todos, e se recebe esta pela fé. A escolha de Israel como nação é segura e firme; mas o desfrutar pessoal da salvação se dá quando a pessoa crê em Cristo. As duas coisas andam juntas e não se confundem. Em resumo: *Israel foi eleito como nação para servir ao plano de Deus; a salvação individual, de judeu ou gentio, é recebida pela fé em Cristo.*

Um amor que não muda, uma fidelidade que não falha.

Base: Deuteronômio 7:7-8; Malaquias 3:6; 2 Crônicas 36:15; Lamentações 3:22-23

Deuteronômio 7:7-8

“O Senhor não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois éreis menos em número do que todos os povos; mas, porque o Senhor vos amava.”

A Bíblia derruba todo orgulho: Deus não escolheu Israel porque era o maior ou o melhor. Ele escolheu por amor. E o fundamento desse amor está no próprio Deus, não na qualidade do povo — por isso ele é tão seguro. O Senhor não muda (Ml 3:6), e Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre (Hb 13:8). Se Deus não muda, o Seu amor por Israel é tão fiel hoje quanto era no tempo de Abraão.

E a história de Israel prova isso. Reis que se desviaram, idolatria, a nação dividida, o cativo — e, no meio de tudo, Deus “*madrugando*”, enviando profeta atrás de profeta, porque se compadecia do Seu povo (2 Cr 36:15). Quando o castigo veio, teve hora para acabar: os pensamentos de Deus eram “*de paz, e não de mal*” (Jr 29:11). Foi nas ruínas de Jerusalém que Jeremias declarou que as misericórdias do Senhor se renovam

cada manhã: “*grande é a tua fidelidade*” (Lm 3:22-23).

Se Deus nos amasse por nosso mérito, o amor d’Ele subiria e desceria conforme o nosso desempenho. Mas Ele nos ama por causa de quem Ele é. Por isso o Seu amor é firme mesmo nos nossos piores dias.

PARTE 2 — ISRAEL, A IGREJA E A ERA PRESENTE

O Rei veio, e o Reino foi oferecido a Israel. O que aconteceu em seguida explica o tempo em que vivemos hoje — e mostra por que Israel e a Igreja, embora caminhem no mesmo plano, não se confundem.

O Rei veio e ofereceu o Reino.

Base: Mateus 3:2; Mateus 4:17; Mateus 10:5-7

Quando João Batista, e depois o próprio Jesus, começaram a pregar, a mensagem era clara: “*Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus*” (Mt 4:17). O Reino prometido no Antigo Testamento estava sendo oferecido genuinamente a Israel, na pessoa do seu Rei. Se a nação reconhecesse Jesus como o Messias, o Reino teria vindo. A oferta era real.

Por isso Jesus, no início, enviou os discípulos apenas às “*ovelhas perdidas da casa de Israel*” (Mt 10:6). A ordem tinha uma razão: o Reino teocrático gira em torno de Israel. Sem o “*sim*” da nação ao seu Rei, o Reino não se estabeleceria de maneira física naquele momento.

A rejeição e o adiamento do Reino.

Base: Mateus 12:22-32; Mateus 23:37-39; Atos 3:19-21

Mas Israel rejeitou o seu Rei. O ponto de virada vem em Mateus 12, quando os líderes atribuem as obras de Jesus

ao poder de Satanás. A partir dali, o tom muda: Jesus começa a falar por parábolas, anuncia juízo sobre aquela geração e declara sobre Jerusalém: “*a vossa casa vai ficar-vos deserta*” (Mt 23:38).

Aqui está o ponto que precisamos guardar com todo o cuidado: o Reino foi adiado, não cancelado. Deus não desistiu do Reino nem rasgou as Suas promessas a Israel. Ele apenas suspendeu o estabelecimento do Reino teocrático, que voltará a ser oferecido à nação, no futuro — durante a *Grande Tribulação* — quando Israel, enfim, reconhecer o seu Messias. O relógio profético de Israel parou, mas um dia voltará a rodar.

O pastor e teólogo *Andrew M. Woods*, em *O Reino Vindouro*, expressa bem essa verdade: o Reino permanece “em um estado de adiamento enquanto a obra atual de Deus no mundo prosseguir em seu programa intermediário”. Adiamento, não cancelamento. A promessa segue de pé.

A era intermediária: a Igreja, o Mistério.

Base: Efésios 3:4-6; Efésios 2:11-16; 1 Coríntios 10:32

Efésios 3:4-6

“O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas: a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho.”

Paulo chama isso de *mistério* — verdade escondida nas eras antigas e revelada na *Era da Igreja*. Repare: o mistério não é que os gentios seriam salvos (*isso o AT já anunciava desde Abraão*); o mistério é que judeus e gentios formariam um só corpo, em Cristo, numa realidade nova: a Igreja. Por isso ela não se confunde com Israel — é entidade própria começou no

Pentecostes e tem o seu lugar no plano de Deus.

Repare no que isso significa para o tempo em que vivemos. Com o Reino adiado, Deus abriu uma *Era* que os profetas do Antigo Testamento não enxergaram com clareza: a *Era da Igreja*. A Igreja não é o Reino teocrático; é uma obra nova, o mistério antes escondido, em que judeus e gentios se tornam um só corpo em Cristo. Vivemos hoje nesse intervalo — entre a rejeição do Reino e a sua vinda futura.

A Igreja não é o Reino, e não é Israel.

Base: Mateus 16:18; 2 Samuel 7:24; Jeremias 31:35-37; Romanos 11:28-29

Romanos 11:28-29

“Quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento.”

Duas confusões precisam ser desfeitas aqui. *A primeira*: a Igreja não é o Reino. A maioria das referências do Novo Testamento ao Reino descreve-o como algo futuro, não presente (Mt 6:10; 2 Tm 4:1). A posição atual de Cristo é à direita do Pai, no Céu, não reinando sobre o trono de Davi, em Jerusalém — isso ainda está por vir. A Igreja não está edificando o Reino Milenial; está anunciando o Rei que virá!



A segunda: a Igreja não é Israel. O Novo Testamento usa a palavra “Israel” setenta e três vezes, e sempre em referência aos descendentes físicos de Abraão, Isaque e Jacó — nunca à Igreja. Israel continua sendo Israel; a Igreja é a Igreja. Cada um tem o seu lugar no plano de Deus.

Alguns ensinaram, ao longo da história, que Deus rejeitou Israel e entregou tudo à Igreja, que teria virado o “*novo Israel*”. A Bíblia não ensina isso. Jesus disse “*edificarei a minha igreja*”, no futuro (Mt 16:18) — ela ainda ia começar, e começou no Pentecostes. Deus confirmou Israel como Seu povo “*para sempre*” (2 Sm 7:24); em Jeremias, só rejeitaria Israel se alguém medisse os céus (Jr 31:35-37); e Paulo é direto: *os dons e o chamado de Deus são sem arrependimento*. - “Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis.”

Pare para pensar: quantos impérios poderosos sumiram da história — e o pequeno povo de Israel continua de pé. Não é acaso: é a mão de Deus guardando o que prometeu. Se Ele falhasse com Israel, que segurança teríamos nas Suas promessas a nós?

A fidelidade que preserva Israel na perseguição.

Base: Zacarias 2:8; João 4:22; Mateus 24:9; Romanos 11:29

Zacarias 2:8

“Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: Depois da glória, ele me enviou às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho.”

Ao longo da história, muitas nações tentaram destruir Israel. Mas esse ódio nunca foi só política — por trás dele há uma inimizade contra os planos de Deus. Jesus mesmo avisou: “*sereis odiados de todas as nações*” (Mt 24:9). E em outro lugar Ele apontou onde mora o motivo: “*a salvação vem dos judeus*” (Jo 4:22). Aí está a chave. Quem trava guerra com Israel está, no fundo, travando guerra com o plano de Deus.

Satanás sabe disso melhor do que ninguém. Sabe que Jesus, o Filho do Homem, era judeu. Sabe que voltará como judeu. Sabe que se assentará sobre o trono do judeu Davi. Sabe que Jerusalém — e não Berlim, Moscou, Washington, Londres, Paris e nem Lisboa — será a capital do mundo. Por isso usa todas as armas que pode para tentar impedir esse desfecho. Por isso, ao longo dos séculos, tantos se levantaram contra Israel.

E veja quantas armas o inimigo já usou. Quase mil anos de tentativa sistemática de extermínio, frequentemente em nome da cruz e em nome da Bíblia — sempre contra o propósito do Deus da Bíblia:

- 1099 — cerca de 80.000 judeus e muçulmanos massacrados em Jerusalém pelos cruzados, em pleno coração da Cidade Santa.
- 1215 — o IV Concílio de Latrão obriga judeus europeus a usar a estrela de Davi como marca de identificação.
- 1290 — a Inglaterra expulsa todos os judeus do seu território.
- 1348 — cerca de 1.000.000 de judeus aniquilados em toda a Europa durante a Peste Negra.

• 1483 — começa a Inquisição espanhola; cerca de 30.000 judeus queimados na fogueira.

• 1933–1945 — Holocausto: 6.250.000 judeus assassinados pelos nazistas; destes, 1,5 milhão eram crianças com menos de 14 anos.

Em diferentes momentos da história, instituições e pessoas religiosas — supostamente a serviço de Deus — colaboraram com o ódio contra Israel. Foi exatamente o que Jesus profetizou (Mt 24:9). E foi exatamente contra esse engano que Paulo escreveu: *a Igreja não substitui Israel; ela é, com Israel, parte do mesmo plano eterno de Deus.*

E ainda hoje, sob outras formas, o ódio continua. Mas pare e pense: depois de mil anos de perseguição, Inquisição, e Holocausto — onde está o povo judeu? De pé! Em 14 de maio de 1948, numa nação reerguida em um só dia, exatamente como a Bíblia diz. Babilônia, Pérsia, Bizâncio, o califado, a União Soviética — todos saíram do mapa. Israel ficou.

Essa é a fidelidade de Deus à Sua aliança. Por mais que o inimigo tente, Deus não permite que o povo da promessa seja exterminado. “Os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” (Rm 11:29) — e essa irrevogabilidade tem rosto, tem história, tem dia e hora marcados em nossos calendários. A sobrevivência de Israel não é acaso da política, nem proeza humana — é a mão de Deus guardando aquilo que prometeu.

É importante fazer aqui uma distinção: a Bíblia fala do Israel da aliança, o povo a quem Deus prometeu fidelidade eterna. Isso não é o mesmo que endossar cada decisão política do Estado moderno de Israel. O propósito de Deus com aquele povo é maior, mais antigo e mais duradouro do que qualquer governo humano — e é desse Israel, o da aliança, que estamos falando.

PARTE 3 — ISRAEL, AS NAÇÕES E O REINO VINDOURO

O Reino foi adiado, mas não esquecido. Chegou a hora de olhar para a frente: como Israel será restaurado, como as nações entrarão na bênção prometida a Abraão, e como Cristo reinará sobre a Terra. E tudo começa com o retorno de Israel.

O retorno de Israel: o vale dos ossos secos.

Base: Ezequiel 37:1-14; Ezequiel 39:29

Ezequiel 37:7-8

“Então, profetizei como se me deu ordem. E houve um ruído, enquanto eu profetizava; e eis que se fez um rebuliço, e os ossos se achegaram, cada osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram tendões sobre eles, e a carne subiu, e a pele os cobriu; mas não havia neles o espírito.”

Que figura impressionante! Ezequiel vê o vale de ossos secos, e Deus vai montando o corpo aos poucos: primeiro um ruído, os ossos se juntam (*o despertar do povo judeu*); depois tendões, carne, pele (*Israel voltando a ser nação entre os povos*). Mas falta o principal: “*não havia neles o espírito*” — o renascimento espiritual, que virá quando o Messias voltar (Ez 39:29).

Isaías 66:8

“Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisas semelhantes? Poder-se-ia fazer nascer uma terra num só dia? Nasceria uma nação de uma só vez? Mas Sião esteve de parto e já deu à luz seus filhos.”

Olhe a história recente e veja como bate com a profecia. Por quase dois mil anos, o povo judeu ficou espalhado, sem terra. Em 1897, *Theodor Herzl* reuniu o *Primeiro Congresso Sionista*, em Basileia — o primeiro chacoalhar dos ossos. As guerras mundiais empurraram milhares de judeus de volta. E em 14 de maio de 1948 aconteceu o impossível: Israel renasceu como Estado, “*uma nação de uma só vez*”, como Isaías havia dito séculos antes.

“A volta dos judeus durante a época do sionismo foi um retorno sem renascimento.” (Norbert Lieth)

Ou seja: Israel já voltou à sua terra, já é nação outra vez — o corpo do vale, com ossos, carne e pele. Mas o sopro do Espírito ainda está por vir. A maior parte do povo voltou sem reconhecer Jesus como o Messias; o coração da nação só se voltará a Cristo no fim. Vivemos entre a segunda e a terceira etapa da profecia — e isso é maravilhoso de contemplar.

Falta ainda o passo seguinte: o dia em que o Reino será oferecido a Israel outra vez, a nação reconhecerá o seu Messias e Cristo se assentará no trono. Mas esse é o assunto do próximo estudo —

quando veremos, na visão de Daniel, a pedra ferir os pés da estátua e todos os reinos dos homens darem lugar ao Reino eterno de Deus.

CONCLUSÃO

Percorremos a história do Reino em três tempos. Vimos o que é o Reino — o governo teocrático de Deus na Terra, que foi perdido no Éden. Vimos o Reino oferecido a Israel, rejeitado e adiado, abrindo a era da Igreja em que vivemos. E veremos, no próximo estudo, o Reino vindouro, que virá em glória quando Cristo voltar e Israel reconhecer o seu Messias.

Filipenses 2:10-11

“Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor; para glória de Deus Pai.”

Para onde tudo aponta? Para uma só Pessoa: o Rei que está vindo. Reinos vão passar, mas o Reino do Nosso Senhor não terá fim. E naquele dia, toda a criação se dobrará diante d’Ele. Maravilhosa — ora, vem, Senhor Jesus!

No próximo estudo desta série, desceremos mais fundo nessa mesma história, pela visão do profeta Daniel: os grandes impérios da humanidade, a estátua e as bestas. Ali veremos como o Reino é oferecido de novo a Israel, no futuro, quando a nação enfim reconhecer o seu Messias — e como a pedra, cortada sem auxílio de mãos, fere os pés da estátua e desfaz todos os reinos dos homens, dando lugar ao Reino eterno de Cristo: “*O Reino de Deus na História e Seu Triunfo Final*”.

Pr. João Leno
Lisboa, Portugal



PEQUENO GLOSSÁRIO

Termos doutrinários usados ao longo deste estudo, em uma linha cada.

Reino universal — O governo soberano e eterno de Deus sobre toda a criação, em todo tempo (Sl 103:19). Sempre existiu e nunca deixará de existir.

Reino teocrático (ou mediador) — O governo de Deus exercido na terra, de modo visível e público, por meio de um representante humano. É localizado e temporal, e ainda é futuro: será estabelecido quando Cristo voltar e Israel reconhecer o seu Messias (Dn 2:44; Ap 20:1-6).

Adiamento do Reino — A suspensão temporária do estabelecimento do reino teocrático, após a rejeição de Israel, sem cancelamento das promessas. O Reino será oferecido novamente à nação no futuro (Mt 23:37-39; At 3:19-21).

Era intermediária (ou era da Igreja) — O período atual, entre a rejeição do Reino por Israel e a sua vinda futura, em que Deus realiza uma obra nova: a Igreja, mistério antes escondido (Ef 3:4-6).

Eleição nacional de Israel — A escolha de Israel como nação para uma missão — ser canal da bênção e do Messias (Êx 19:5-6). Não se confunde com a salvação individual, recebida pela fé em Cristo, oferecida a todos.

Israel da aliança — O povo descendente de Abraão, Isaque e Jacó, a quem Deus fez promessas eternas e irrevogáveis (Gn 12:1-3; Rm 11:29). Distinto do Estado moderno de Israel como entidade política — é desse povo da aliança que a Escritura fala quando promete restauração e bênção futura.

Dispensação — Período da história em que Deus age e se relaciona com os homens de um modo particular, dentro do Seu único e eterno propósito.

Tribulação — Período final de sete anos profetizado por Daniel (a 70ª semana), também chamado “tempo de angústia para Jacó” (Jr 30:7).

Arrebatamento — Evento futuro em que a Igreja será tomada para encontrar-se com o Senhor nos ares, antes do início da tribulação (1 Ts 4:16-17).

Milênio — Reino de mil anos de Cristo sobre a terra, com Jerusalém como centro, após a Sua volta em glória (Ap 20:1-6).

Reino eterno — Estado final do plano de Deus, após o juízo do grande trono branco e a renovação de todas as coisas, com novos céus e nova terra (Ap 21:1-5). É o desdobramento sem fim do Reino Milenar de Cristo, na presença plena e visível de Deus com os Seus.

Teologia da Substituição — Ensino, que rejeitamos, segundo o qual a Igreja teria tomado o lugar de Israel e herdado as suas promessas. A Bíblia ensina que os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis (Rm 11:29).

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIA LITERÁRIA

Sociedade Bíblica do Brasil. Bíblia Sagrada — Almeida Revista e Corrigida (ARC). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

POMMERING, Claiton Ivan. O Plano de Deus para Israel em meio à Infidelidade da Nação. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

WOODS, Andrew M. O Reino Vindouro: O que é o reino e por que ele ainda não está presente? Porto Alegre: Chamada, 2020.

SHOWERS, Renald E. “Teologia Aliancista: o que Pensa Acerca de Israel?”. In: Notícias de Israel. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite / Beth-Shalom, junho de 2006.

PRICE, Randall. “Ano 70 d.C.: o ‘Beco Sem Saída’ Profético do Preterismo”. In: Notícias de Israel. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite / Beth-Shalom, junho de 2006.

LIETH, Norbert. “O Restabelecimento de Israel”. In: Chamada da Meia-Noite. Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, setembro de 2007.

WINKLER, Fredi; SIMCOX, Thomas C.; LEVY, David M.; MALGO, Conno. Notícias de Israel. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite / Beth-Shalom, maio de 2006.

MALGO, Marcel. “A Igreja de Jesus na Última Etapa do Caminho”. In: Chamada da Meia-Noite. Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, setembro de 2007.

BETHLEHEM MINISTRY OF THE ASSEMBLIES OF GOD. Currículo Doutrinário — Estudo 664 / Boletim 524: “O Futuro Glorioso de Israel II” (Livro de Zacarias). Lighthouse Point, FL: ADBelém, julho de 2023.

PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. Comentário Bíblico Moody. São Paulo: Editora Batista Regular.

BALDWIN, Joyce G. Ageu, Zacarias e Malaquias — Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova.



PROPÓSITO DO MÊS

CUIDAR



PAÍS DO MÊS - SUIÇA & ÁUSTRIA



CONGREGAÇÕES DO MÊS

CAROLINAS REGION

CHARLOTTE PORTUGUÊS

CHARLESTON

COLUMBIA

MYRTLE BEACH

GREENVILLE

PAN FLORIDA REGION

MARIETTA (ATLANTA)

DESTIN

PANAMÁ CITY

BILOXI

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITOS:

- ADORAR
- EVANGELIZAR
- DISCIPULAR
- CUIDAR

A RESPONSABILIDADE É MINHA!

Bethlehem Ministry of the Assemblies of God

United States

- . California
- . Florida
- . Georgia
- . Hawaii
- . Illinois
- . Maryland
- . Massachusetts
- . Mississippi
- . Nebraska
- . North Carolina
- . Ohio
- . Pennsylvania
- . South Carolina
- . Texas
- . Utah
- . Virginia
- Washington, DC
- . Washington State

Europe

- . Austria
- . Bangladesh
- . Belgium
- . Czech Republic
- . Denmark
- . France
- . Germany
- . Ireland
- . Italy
- . Luxembourg
- . Holland
- . Portugal
- . Spain
- . Sweden
- . Swiss
- . United Kingdom

Asia

- . Bangladesh

Oceania

- . Australia
- . New Zealand

Caribe

- . Haiti

Africa

- . Mozambique

